

O (DES)FIAR POÉTICO DE ÁFRICAS

Valéria Cardoso da Silva

RESUMO: Através da poética contemporânea, criam-se intersecções literárias entre países afro-lusófonos: Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola. A poesia-corpo feminina revela a escrita africana singular, atravessando o processo colonizador e pós-colonizador através do silêncio, no apagamento do outro ou em seus ruídos.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; poesia; África.

ABSTRACT: *Contemporary poetry is crossed by literary intersections between African Portuguese-speaking countries: Moçambique, São Tomé e Príncipe, Angola. Women's poetry-body reveals Africa's singular writing, through the colonization and post-colonization processes, by means of silence, the effacement of the Other or his rumors.*

KEYWORDS: *body; poetry; Africa.*

[...] As velhas desfiam uma lenta
memória
Que acende a noite de palavras
Depois aquecem as mãos de semear
fogueiras [...]
...enquanto as crianças dormem
Seus pequenos sonhos de leite."

"Canto de Nascimento" – *O Lago da Lua*, PAULA TAVARES

"Irmãos do mundo, nós somos guerrilheiros
Das ilhas do mar sem fim
A força da unidade é nossa metralhadora."

"Aos Combatentes da Liberdade" – *É Nosso o Solo Sagrado da
"Terra"*, ALDA DO ESPÍRITO SANTO

[...] Que onde estiver nossa canção,
Mesmo escravos, senhores seremos;
É mesmo mortos viveremos.
E no nosso lamento escravo
Estará a terra onde nascemos,
A luz do nosso sol,
A lua dos shingombelas,
O calor do lume,
A palhota onde vivemos,
A machamba que os dá o pão!"

"Súplica", NOÉMIA DE SOUSA

CORPO/IMAGEM/PODER

Na tentativa de cotejar culturas de língua portuguesa e romper com os silêncios em relação às questões étnico-raciais e de gênero, sobretudo no que tange à escrita

feminina africana, busca-se aqui a palavra-corpo, tecida na fala do outro, num fazer poético que espelha a imagem da mulher africana.

Aos poucos, a criação literária africana conquista novos espaços e transforma sua liberdade, cuja forma e conteúdo se exteriorizam em seu corpo-imagem, enquanto linguagem poética/social.

O corpo é o “espelho” da própria sociedade e nele se configura a aprendizagem sociocultural. Pensar acerca do corpo, sob a perspectiva da linguagem e de expressão simbólica, implica recriar o verbo na busca de matizes, no eterno jogo de memória e história. Ao propor tal mescla, valem-nos das reflexões do poeta, tradutor e ensaísta mexicano Octavio Paz, quando este nos diz que “[...] os sentidos são e não são deste mundo. Por meio deles, a poesia ergue uma ponte entre o *ver* e o *crer*. Por essa ponte a imaginação ganha corpo e os corpos se convertem em imagens” (PAZ, 1994, p. 12).

Ao percorrer a memória da cultura africana pelo viés feminino, percebe-se a consciência do canto, da fala, de suas imagens poéticas e do poder da *femina*, em termos de registro e representatividade. Nessa busca incessante de novas “identificações em curso” (SANTOS, 2001, p. 135) e, em especial, de produtoras literárias que engendram em seus textos um universo de sentidos, o (a) leitor(a) depara-se com a rasura das fronteiras, a partir de linguagens que rompem interditos, inúmeros silêncios impostos às vozes negras, explicitando assim variedades de signos que transmitam outros lugares discursivos.

Apesar do distanciamento geográfico entre África, Portugal e Brasil, não se vê impedimento para a elaboração dessas reflexões preliminares. Ao contrário, as próprias relações historiográficas afro-luso-brasileiras parecem conscientizar os (as) leitores(as) do necessário resgate de valores culturais e interseções que favoreçam a reconstrução de laços e perspectivas promissoras de um ‘mundo para cá ou para lá de nós’.

Quando se pensa na produção poética de mulheres, desde o século XIX até a primeira metade do século XX, observam-se os desafios enfrentados, simplesmente por procurarem registrar o corpo-em-diferença (PADILHA, 2002, p. 189). É desse corpo que imaginamos ser a construção da reescrita de si mesma, experimentada pela poesia feminina africana no mundo moderno e/ou contemporâneo.

Ao refletir acerca das construções sociais e culturais dos povos, não se devem esquecer as relações de poder que nelas estão engendradas. Daí a necessidade de rastrear indícios que esclareçam a temática étnico-racial e de gênero, em um contexto patriarcal, ditatorial e colonial. Dessa forma, tenciona-se aqui travar diálogos entre alguns textos antropológicos, sociológicos, históricos, filosóficos e teóricos com os discursos que atravessem a poética de três escritoras contemporâneas: a

moçambicana Noémia de Sousa (1926-2002), a santomense Alda Espírito Santo (1926-2010) e a angolana Paula Tavares (1952).

Dentro dessa proposta de discussão acerca das africanidades sob a perspectiva feminina, acredita-se ser ainda necessário assinalar passagens sociopolíticas acerca dos referidos países de língua portuguesa, para que se reconheçam alguns aspectos históricos e estéticos. Tal processo abre novas perspectivas, não em função de interdições de base moral, mas como legitimação de critérios de referência coletiva. Sendo assim, acredita-se que o diálogo estabelecido com a *poiésis* de Moçambique, São Tomé e Príncipe e Angola conduza os (as) leitores(as) a valores, em que os discursos sejam “elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força” (FOUCAULT, 1976, p. 134-5).¹

Ao atravessar a história moderna da colonização em África de língua portuguesa, analisa-se que esta se inicia com fortes repressões e censuras experimentadas, dentro e fora de seus territórios. As sombras da PIDE (Polícia de Informação e Defesa do Estado) e de tropas militares portuguesas, impostas sob o regime de Salazar e estendidas por seu sucessor Marcelo Caetano, a oprimirem inclusive suas antigas colônias. Nota-se que tais situações influíram direta e/ou indiretamente na imprensa, atingindo jornalistas e escritores de África. Em Angola, “alguns zelosos funcionários da censura prévia à imprensa, evitam, até, que dela se escreva ou se mencione. Livros apreendidos e todo um ambiente de temor desencorajam os escritores angolanos” (FREITAS, 1975, p. 415).

Como se pode constatar, o ambiente repressivo e inóspito em África e fora dela desencadeia lutas e revoluções na busca de independências, fazendo com que Moçambique, São Tomé e Príncipe e Angola procurem se alinhar a outras frentes libertárias, na tentativa de delinear uma política progressista aos estados africanos.

Ainda na década de 1960, nessa esteira transformadora, surgem a FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique), MLSTP (Movimento de Libertação de São Tomé e Príncipe) e o MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), movimentos que contribuíram para a emancipação daqueles respectivos países, possibilitando suas independências somente em meados de 1970. Todavia, devido ao longo período de perseguições, os países de língua portuguesa em África sofreriam graves consequências históricas, assim como outra parte de África por causa do *apartheid*, finalmente superado nos anos 1990.

Vale ressaltar ainda que durante o turbilhão de guerras e resistências, surgira a Revolução dos Cravos (1974), em Portugal, fazendo com que os capitães lusitanos se rebelassem contra os ideais salazaristas e desertassem de suas antigas colônias luso-africanas. Todos esses fatos ocorridos em África e fora dela, de alguma forma,

1 As traduções de textos não editados em português são de responsabilidade do autor.

iriam se refletir nas lutas de libertação dos seus povos, possibilitando conquistas de liberdades sociopolíticas, socioculturais, de revisão democrática e descolonização.

Após esse breve panorama histórico, vislumbra-se o alargamento de esperanças e estudos, edição e divulgação das literaturas africanas em quase todo o mundo, o que pode ser corroborado por alguns antologistas. Dentre esses se destaca o nome de Manuel Ferreira, por proporcionar reflexões acerca do papel da “Negritude” como um grande movimento cultural, cujo processo dialético dos povos miscigenados se faz pertinente ao ganhar maior força e consciência:

Nada nasce do nada. Os caminhos da cultura processam-se por etapas. Sendo um salto importante, uma revolução mesmo no plano da cultura, o movimento da negritude acabou por englobar e superar, pela reformulação dinâmica, todas as manifestações culturais e artísticas de caráter negro, ocorridas anteriormente: “o renascimento americano”, o “negrismo cubano”, o “indigenismo” haitiano e o movimento cultural antilhano, grandes marcos do processo da desalienação da cultura negra. (FERREIRA, 1975, vol. I, p. 38)

Ao refletir sobre a problematização do movimento da negritude, apontada por Ferreira, procura-se ir ao encontro do pensamento do indiano Homi Bhabha para se ampliar a ideia da “cor-pele”, pois segundo o crítico, “a cor escura significa ao mesmo tempo nascimento e morte; ela é em todos os casos um desejo de retornar à completude da mãe, um desejo por uma linha de visão e de origem ininterrupta e não-diferenciada” (BHABHA, 1998, p. 126).

Vale ressaltar que, nas formas poéticas pan-africanistas, segundo Mário P. de Andrade, analisam-se “dois pontos permanentes de apoio confundidos no mesmo significante simbólico: a *mãe* e a *terra*” (ANDRADE, 1977, v. 1, p. 11). Tal identificação com o corpo feminino se dá através da figura materna, pois a fertilidade, a esperança, o canto do renascimento da mãe/terra parece pulsar e alçar voos na construção discursiva de liberdade. Daí, a concepção de identificação cultural africana configurar-se pela imagética da ‘Grande Mãe’, manifesta ainda pelas poetisas em questão.

Com o intuito de promover ondas de questionamentos e desconstruções quanto à ideia de um inflexível ‘eurocentrismo’, em que o branco, o masculino e o heterossexual simbolizem o poder hegemônico, destaca-se a relevância do encontro dos movimentos negro e feminista. Ainda, segundo a advertência da crítica e teórica canadense Linda Hutcheon:

Os pensamentos negro e feminista nos demonstram como é possível fazer com que a teoria saia da torre de marfim e entre no mundo maior da práxis social [...]. As mulheres ajudaram a desenvolver a valorização pós-moderna das margens e do ex-cêntrico, como uma saída com relação à problemática de poder dos centros e às oposições masculinas e femininas. (HUTCHEON, 1991, p. 35)

De fato, há alguns desafios a serem problematizados, sobretudo questões das africanidades e minorias periféricas, fazendo com que se repense, segundo Hutcheon, as margens e as fronteiras enquanto resistência, onde “o local, o regional e o não totalizante são reafirmados à medida que o centro vai se tornando uma ficção – necessária, desejada, mas apesar disso uma ficção” (HUTCHEON, 1991, p. 85).

Nessas travessias que permeiam as vastas produções de gêneros literários, desde o romance, a dramaturgia, novelas, mitos, prosa/poética e contos, privilegia-se aqui o universo da beleza, da musicalidade poética da transmissão oral e estética, encontrados nas singularidades de África e, em especial na relação do *Eu* e de *Outros* expressos na palavra poética da mulher africana. É ainda o que se pretende revisitar, ao selecionar depoimentos de Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo e Paula Tavares. Através dessas escritoras, as marcas dos excluídos da História se abrem pelas vozes poéticas neste *(des)fiar* poético de Áfricas.

Independentemente de quaisquer limitações ou conjecturas, este ensaio percorre a contramão da literatura canônica, considerada quase toda exclusivamente masculina, ao transpor a barreira do “silêncio feminino”. Com as autoras, discute-se e reflete-se acerca da repressão cultural, da guerra colonial e da censura experimentadas em seus territórios. Assim, pretende-se romper com as possíveis reservas às colaborações ativas de mulheres negras no pensamento e nas sociedades afro-lusitanas.

Ainda por se tratarem de poesias tecidas pelas mãos de mulheres, problematiza-se o discurso do saber/fazer da oralidade um canto que motive o saber/ouvir, o saber/ser e o saber/dizer o papel e o local de sua cultura. Mulheres e escritoras moçambicana, santomense e angolana que produzem literaturas em tempos e espaços distintos. Escritas que abrem identidades, compostas de histórias e culturas diversas, plasmadas em corpos a desenhar memórias de sua oralidade.

Para que se possa compreender a importância do *(des)fiar* poético das referidas escritoras negras e africanas, procura-se aqui uma pequena mostra de seus poemas e depoimentos, com a perspectiva de levar os (as) leitores(as) a conhecer outros campos do saber/poder as tramas que se tecem em corpos de África.

A (IN)VISIBILIDADE DE NOÉMIA DE SOUSA

Com o sonho de criação de um corpo em busca do projeto coletivo de descolonização e engajamento, as palavras são talhadas por quem desafia o poder vigente, ao trazer um convite para se compreender o grito do lamento indignado da escravidão. Em “Se me quiseses conhecer”, a moçambicana Noémia de Sousa ensaia sua

condição, sua dor antiga e mística, seu orgulho contemplativo de quem se fez ativa por ter nascido intensamente em partes de África:

Se me quiseses conhecer,
estuda com olhos de bem de ver
esse pedaço de pau preto
que um desconhecido irmão maconde
de mãos inspiradas
talhou e trabalhou
em terras distantes lá do norte.
Ah, essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida,
boca rasgada em feridas de angústia,
mãos enormes, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado de feridas visíveis e invisíveis
pelos duros chicotes da escravatura...
torturada e magnífica,
ativa e mística,
África da cabeça aos pés,
– ah, essa sou eu!

(SOUSA in PADILHA, 2002, p. 188)

Mesmo na dor, é o cantar a musicalidade espiralada de um eu-lírico que anseia pela vida, a “senhora liberdade”. É o desejo de signos que remontam a territorialidade do próprio corpo, como espaço de inscrição que se transmuta em terras africanas, ao procurar dar sentido à escrita feminina que caminha silenciosamente entre cortes, chibatas e tatuagens inscritos/escritos no poder da memória. Suas palavras derramadas são da cepa dos que trazem a ancestralidade, das que se querem fazer (in)visíveis desde o primeiro verso. O eu-lírico engendra um mover-se constante para mobilizar a todos que a leem e a estudam nas linhas que se formam, no processo do se apresentar, para que outros se fiem no passado, no presente ou quiçá no futuro, levando-os à busca da identidade de um corpo que ainda se pensa coletivo poeticamente.

Configura-se ainda mais o desejo de inscrição da mulher e da poetisa Noémia de Sousa, ao ter sua fala cedida em entrevista a Patrick Chabal. Então, lança-se a esse desdobrar-se da voz-palavra-nação:

Eu acho que quando comecei a escrever, isso foi uma opção, no fundo dar voz àqueles que não têm voz, um bocado disso. E reivindicar qualquer coisa. Naquela altura estávamos já a pensar numa independência, que ‘este país é nosso’, muito no ar, sem ir muito além disso... jovens a quem tudo parecia possível... No fim é isso, não poder escrever doutra maneira. Também, para mim, quando eu dizia África era Moçambique (CHABAL, 1994, p. 117).

Para Noémia de Sousa, inscrever-se é um debruçar-se em seu povo, sua raça, seus desejos e suas dores. Dar voz aos subalternos, aos que não têm voz, é transgredir o poder vigente para tentar transcendê-lo de alguma forma. Vozes dos excluídos de suas terras e de suas gentes, vozes da diáspora (HALL, 2003, p. 415), como a da própria poetisa/jornalista que, em 1951, se viu obrigada ao autoexílio em Portugal, guardando até o fim seu silêncio poético em terras estrangeiras.

Apesar de não ter publicado nenhum livro em vida, Noémia deixa seu legado poético em antologias, jornais, revistas e textos avulsos. Nesses quase onze anos de ausência, devido ao seu falecimento em 2002, resta a *memória* de suas poesias silenciosamente ruidosas, de quem bem soube usar palavras para abrandar diversos murmúrios. A moçambicanidade exilada de Noémia de Sousa não se fecha no círculo, porque sua escrita, seu desafio se estilham na espiral do ir e vir de palavras a montar imensos mosaicos de “drama-poesia”, encenando o *pathos* de sua “terra alada” que tanto a fez pulsar, ainda que distante.

A ‘ÁFRICA MATER’ EM ALDA ESPÍRITO SANTO

Em Alda Espírito Santo, encontramos formas poéticas que se entrelaçam com a tradição revolucionária, isto é, a poesia e a política são instrumentos de combate ao fascismo, ao colonialismo e às desumanidades. A mulher escritora, intelectual santomense, tece seu protesto “no tempo de lutas pela libertação” (FONSECA, 2002, p. 38), procurando dar voz a todas as nações do continente africano:

Mãe África
Escuta Mãe africana
o grito mensagem do mundo
deste parto doloroso
no sul do teu Continente

Dia e noite, noite e dia
noite e dia sem parar
o sangue mártir do Soweto
impele a marcha sem tréguas
do povo de Winie Mandela
esposa e companheira
do líder histórico
fechado em dura prisão
pelos verdugos de apartheid

Pelas ruas de Pretória
Dia e noite, noite e dia
Mulheres, crianças e jovens

Homens adultos e jovens
Marcham sem medo na luta
Pelo fim do apartheid
Noite e dia, dia e noite
Este clamor já vai alto
[...]
Liberdade para Nelson Mandela
Fim às guerras do apartheid
Namíbia desocupada
Paz para Angola e Moçambique
Avança avante mãe África!

(ESPIRITO SANTO in MEDINA, 1987, p. 201)

Ecoa o grito de África no derramar-se em sangue pela imensidão cultural de um continente. O eu-lírico clama à Mãe africana pela escuta desejada de todos os seus povos. Sim, seus filhos permanecem em ‘vigília’, diuturnamente, numa rotação incessante em busca de libertação.

O mito do herói é translado no povo de origem negra, que não esquece suas entranhas, suas vozes múltiplas e repletas de epifanias. A liberdade para o líder Mandela se transfigura em liberdade para todas as nações africanas na luta contra o *Apartheid* e a quaisquer ditaduras impostas ao corpo social africano. A trama da paz se tece em rede e se (re)tece em outras nações do continente, como a África do líder pacifista.

Menos contida em questões políticas do que a moçambicana Noémia de Sousa, a santomense Alda Espírito Santo, apesar de não ter estado na guerrilha, manteve-se “guerrilheira” nas frentes culturais e políticas dentro e fora de África. Em Lisboa, participa ativamente da Casa dos Estudantes do Império. Leva sua consciência das africanidades às universidades europeias (Portugal e França) e, como consequência, é presa em Portugal na década de 1960. Ao retornar a seu país, traça sua missão como professora e política, sendo nomeada Ministra da Educação e Cultura, Ministra da Informação e Cultura e Deputada.

No livro *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, publicado em 1978, a poetisa Alda Espírito Santo abre janelas para que estudiosos tenham acesso aos seus poemas, além daqueles encontrados em jornais e revistas de São Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique e Cabo Verde.

Em 2006, a Embaixada de Cabo Verde em São Tomé rende homenagem à poetisa e cidadã revolucionária Alda Espírito Santo, ao oferecer-lhe o mérito de figura histórica dos Cinco (países de língua portuguesa em África). Naquela ocasião do seu octogésimo aniversário, além do reconhecimento político, foram publicados três trabalhos em homenagem a Alda: “*A Poesia e a Vida: uma Homenagem a Alda*

Espírito Santo”, das professoras universitárias e ensaístas Laura Padilha (brasileira) e Inocência Mata (santomense); dois cadernos da edição da UNEAS, intitulados “Mensagens do Solo Sagrado” e “O Coral das Ilhas”. Através da escrita poética de Espírito Santo e dos que a respeitam, percorrem-se as trilhas dos novos rumos.

O SEMEAR DE PAULA TAVARES

Os saberes corporais da poetisa, ensaísta, historiadora, Mestre em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa e angolana Paula Tavares, iniciam-se em *Ritos de Passagem* (Luanda, 1985), estendendo-se a outras produções. Nas sensações de se religar a caminhos diversos, a poeta revela/oculta aos seus leitores tessituras de seus gestos que simulam os sentidos corporais, nos quais o eu-lírico convoca a energia da Natureza, transformando a palavra-fruta perceptível entre os corpos. Lembremos essa leitura em “A manga”, do referido livro:

Fruta do paraíso
companheira dos deuses
as mãos
tiram-lhe a pele
dúctil
como, se, de mantos
se tratasse
surge a carne chegadinha
fio a fio
ao coração:
leve
morno
mastigável
o cheiro permanece
para que a encontrem
os meninos
pelo faro

(TAVARES, 1985, p. 16)

O ‘fiar-se’ na pele de outros revela contornos que se configuram na alteridade, delineando curvas que expressem a linguagem poética feminina, dissimulada na trama dos mistérios a ser desvendada. O jogo figurado da fruta tátil, aromatizante e palatável, é sagrado e profano simultaneamente. A poetisa seduz os iniciados leitores em sua imagética, refugiando-se “em alguns símbolos descontínuos, que os homens “declinam” sob a proteção da palavra viva” (BARTHES, 1990, p. 42).

A singularidade dessa escrita poética atravessa o jogo do revelar/ocultar exercícios corporais que espelhem uma vontade ‘encoberta’, tornando-a paradoxal-

mente inteligível aos sentidos para quem as lê. O cantar poético é *devenir* (DELEUZE, 1993), a buscar na memória da pele, da língua e de sua existência sensações outras que componham a imagem ‘descoberta’.

A poetisa demonstra a evolução ao ensinar e aprender, no domínio da palavra que busca a liberdade. Liberdade essa que se reflete na sensualidade, na fertilidade e no nascimento da palavra que semeia novos caminhos. Na declaração cedida a Michel Laban, Tavares nos revela esse seu desafio poético:

O que eu queria era encontrar um caminho poético para expressar essa relação quase física com as coisas, com aquilo que está à volta, os cheiros, os frutos [...] enquanto mulher, ao mesmo tempo que [*sic*] há essa preocupação da voz própria, também há muitos gritos que normalmente nós, como mulheres [...] somos destinadas a guardar para nós próprias: a sensualidade é um deles. A mulher [...] não põe cá fora os problemas que tem em relação à sua própria sensualidade. E eu achei que podia pôr isso. [...] Eu sinto-me melhor quando grito. (1991, v. II, p. 853 e 861)

A escritora pertence à geração de poetisas africanas de língua portuguesa que experimenta o processo de liberdade. Afinal, os tempos são outros. São tempos de reconstruções dos espaços público e privado. Distintamente de Noémia de Sousa e de Alda Espírito Santo, Paula Tavares dá vazão à ‘invenção’ de quem busca a rota de certos Orientes (SAID, 1995). Sua ‘epiderme’ poética é permeável como ‘telas’ que corporificam a tradição secular e cultural de África.

Nas vozes poéticas das referidas escritoras, podem-se vislumbrar as imagens e a filosofia de muitos pensadores, quando tentam nos ensinar que aprender significa libertar-se e humanizar-se. Parecem ser esses os princípios de fundamental importância na vida humana e em sua realização: libertar-se das amarras impostas pelas opressões e de quaisquer preconceitos, sejam socioeconômicos, étnico-raciais ou de gêneros.

Aqui, trava-se o “duelo” entre o estabelecimento dos limites humanos e a compreensão das suas ‘imperfeições’ a promover sua integração com o meio no qual poderia ser habitável. As vozes africanas das mulheres em expansão mesclam o corpo físico ao corpo social, afirmando-se efetivamente enquanto sujeitos poéticos cujas palavras parecem fazer um pacto com o “espelho”. Espelho “desenterrado” a refletir o sonho e a realidade, a poética e a estética, a memória e o esquecimento. Este breve ensaio intenta atravessar seus sinais, como quem busca “a encarnação dessas imagens num corpo real” (PAZ, 1991, p. 77). Sim, há muitos questionamentos sem respostas. Dúvidas e problematizações criadas para e pelos corpos físico e social intentam buscar seu ‘igual’ na diversidade e na diferença, atravessando os saberes

poético, histórico-político e cultural em Áfricas ‘retorcidas’ e ‘tecidas’, por engenhosas mãos de mulheres negras que se abrem e se fecham no tempo e no espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Mário P. (org). *Antologia temática da poesia africana – I. Na noite grávida de punhais*. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1977.
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- CHABAL, Patrick. *Vozes moçambicanas: literatura e nacionalidade*. Lisboa: Veja, 1994.
- DELEUZE, Gilles. *Critique et clinique*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1993.
- ESPÍRITO SANTO, Alda. *Ê Nosso o Solo Sagrado da Terra*. Lisboa: Ulmeiro, nº 1, 1978. (Coleção Vozes das Ilhas)
- ESPÍRITO SANTO, Alda & ANJOS, Frederico Gustavo dos. *Mensagens do Solo Sagrado*. São Tomé e Príncipe: UNEAS, 2006a.
- _____. *O Coral das Ilhas*. São Tomé e Príncipe: UNEAS, 2006b.
- FERREIRA, Manuel. (org.). *No reino de Caliban: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1975, v. I (Cabo Verde e Guiné Bissau).
- _____. (org.). *No reino de Caliban: antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1976, v. II (Angola e São Tomé e Príncipe).
- FONSECA, Maria Nazareth S. F. *Corpo e voz em poemas brasileiros e africanos escritos por mulher*. In: DUARTE, Constância Lima & SCARPELLI, Marli Fantini (orgs.) *Gênero e representação nas literaturas de Portugal e África*. Belo Horizonte: UFMG, 2002. (Mulher & Literatura, vol. III)
- FOUCAULT, Michel. *La volonté de savoir*. Paris: Gallimard, 1976.
- FREITAS, A. J. *Angola, o Longo Caminho da Liberdade*. Lisboa: Moraes Editora, 1975.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. (Org. Liv Sovik). Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- LABAN, Michel. *Angola: encontro com escritores*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, 1991. 2 v.
- MARGARIDO, Alfredo. *Negritude e Humanismo*. Lisboa: C.E.I., 1964.
- _____. *Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1980.
- MATA, Inocência & PADILHA, Laura C. *A poesia e a vida: homenagem a Alda Espírito Santo*. Lisboa: Colibri, 2006.
- MEDINA, Cremilda de Araújo. *Sonha Mamana África*. 1ª ed. São Paulo: Epopeia, 1987.
- PADILHA, Laura Cavalcante. *Novos pactos, outras ficções: ensaios sobre literatura afro-luso-brasileiras*. Porto Alegre: EDICPUCRS, 2002.

- PAZ, Octavio. *Convergências: ensaios sobre a arte e literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- _____. *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo: Siciliano, 1994.
- SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SANTOS, Boaventura de S. *Pela mão de Alice*. São Paulo: Cortez, 2001.
- SOUSA, Noémia de. *Sangue negro*. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1951. (Texto policopiado).
- TAVARES, Paula. *Ritos de Passagem*. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.
- _____. *O sangue das buganvílias*. Crônicas. Praia/Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.
- _____. *O Lago da Lua*. Lisboa: Caminho, 1999.

Recebido em 12.04.2013

Aceito em 15.07.2013